



## **Midiatização da sociedade: campos sociais, lógicas e novas formas de atuação<sup>1</sup>**

Ana Cássia Pandolfo FLORES<sup>2</sup>

Eugenia Mariano da Rocha BARICHELLO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

Com o objetivo de contribuir para o entendimento do processo de midiatização da sociedade, o presente artigo propõe uma reflexão sobre as processualidades envolvidas no alastramento midiático para os demais âmbitos do contexto social. Tais processualidades são aqui entendidas como afetações entre os campos sociais, cujas lógicas se contatam e se modificam resultando em uma nova ambiência existencial.

**PALAVRAS-CHAVE:** midiatização; campos sociais, afetação de lógicas;

### **Introdução**

A midiatização da sociedade se processa na remodelagem da ordem social e nas esferas de atuação dos sujeitos, seus modos de agir, seus valores e suas percepções. Ao considerarmos a centralidade da mídia e o alastramento das lógicas midiáticas para os mais diversos campos sociais não falamos de um fenômeno restrito a alguns ambientes ou setores da sociedade, mas de uma nova forma de organização social.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação a humanidade entra no âmbito inteiramente novo, ao mesmo tempo espantoso e nem por isso menos esperado ou previsível: a intervenção da técnica no domínio da comunicação. Seria difícil superestimar todo o potencial dessa convergência das duas mais fundamentais faculdades do espírito humano. Até bem pouco tempo atrás, técnica e comunicação eram domínios, senão paralelos, pelo menos distantes, mantidos afastados como pressupostos ou fundamentos recíprocos. Com o aparecimento dos meios modernos, a própria comunicação passa a ser um fenômeno técnico; e a produção simbólica não somente entra em sua Era Industrial, mas a mediação social mesma é atravessada e composta organicamente em sua dinâmica e estrutura como uma dimensão tecnológica. (MARTINO, 2006, p. 1)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Np de Teorias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria. anacassia84@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora Associada, Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFSM. Doutora em Comunicação pela UFRJ. eugeniabarichello@gmail.com



No fragmento de texto acima Martino fala de um atravessamento da comunicação pela técnica e de uma convergência entre a comunicação e a técnica, um acontecimento comparável em importância social ao aparecimento da escrita no paleolítico. Poderíamos pensar esse atravessamento como o resultado de uma mutação, uma situação inteiramente nova, ou tratar a midiaticização da sociedade como um processo, que vem sendo tecido há longo tempo, desde que o ser humano começou a representar o real, quando houve pela primeira vez a potencialidade e a possibilidade de comunicação à distância ou telecomunicação.

Optamos aqui pela segunda alternativa, ou seja, por refletir sobre o processo de midiaticização no que diz respeito à afetação que as lógicas da mídia desencadeiam ao atravessar os campos sociais, contexto que dá base para novas formas de atuação de instituições e sujeitos. Dessa forma o pressuposto é uma coexistência entre a ambiência midiática e os campos sociais que são mutuamente afetados pelo processo de midiaticização. Esta escolha foi motivada pelo objeto que originou esta reflexão, as práticas religiosas midiaticizadas na internet, do qual este artigo constitui apenas um fragmento, e uma tentativa de entender as novas práticas sociais oportunizadas pela convergência técnico-comunicacional.

### **Campo dos *media* e ambiência midiática**

A partir do pressuposto de que o processo de midiaticização alastra-se pelo tecido social julgamos oportuno utilizar neste artigo utilizar a noção de campo da comunicação ou “campo dos *media*” descrita por Rodrigues (1990), pois apesar deste autor encarar a mídia de forma um tanto instrumentalizada entendemos que suas propostas se mostram relevantes para a compreensão da midiaticização da sociedade como processo.

Estamos cientes de que a noção de campo em um entendimento sociológico tem limitações como as apontadas por Martino que argumenta o fato de a noção de campo encontrar na comunicação pelo menos duas acepções, “a mais corrente e hoje também a menos apropriada toma emprestada a noção de campo de Bourdieu que a emprega para recortar e analisar as relações intrínsecas aos agentes sociais em torno de uma certa atividade social” (2006, p.36). Essa noção de campo de viés sociológico procura explicar os laços sociais, ao passo que por um viés epistemológico a noção de campo



“se refere às correntes teóricas, os elementos em jogo, aquilo que compõe o campo [...] como objeto de um domínio do conhecimento” (MARTINO, 2006, p.36).

Apesar desta advertência utilizaremos a noção de campo social como ponto de partida para entender a autonomização de um conhecimento específico que passa a se organizar dentro de um repertório particular, detido por alguns peritos, pois nos interessa aqui tratar das afetações destes campos pelo fenômeno da mediação. Segundo Rodrigues (1990, p. 144) os campos sociais são: “esferas de legitimidade que impõem com autoridade indiscutível atos de linguagem, discursos e práticas conformes, dentro de um domínio específico de competência”.

A abordagem sociológica feita por Rodrigues explica que, na formação de um campo social, o domínio da experiência em questão apresenta-se como uma axiologia, um conjunto de valores imposto à coletividade com caráter vinculativo, que passa por processos de criação, gestão, inculcação e sanção. Da mesma forma, cada campo também conta com um conjunto de regras compatíveis com a manutenção dos seus valores, que podem ser classificados em dois tipos distintos: as regras constitutivas ou definidoras e as normativas. A realização de um ato é definida pelas regras constitutivas ou definidoras, já as regras normativas têm ação impositiva sobre a maneira de realizar o ato e é pré-existente a essas regras. Além de regular a realização dos atos, um campo social também classifica quais ações fazem parte do seu domínio e quais ficam fora dele. Nesse contexto, também se evidencia a existência de regimes de funcionamento diferenciados nos campos. Na maior parte do tempo, os campos sociais funcionam mantendo a vigilância sobre a aplicação e a reprodução de sua ordem expressiva e pragmática. Esse regime proporciona certo equilíbrio entre o funcionamento dos campos.

No que diz respeito ao campo dos *media*, Rodrigues (1990) propõe que a sua gênese se dá pela progressiva autonomização impulsionada pela relação tensa entre os diferentes campos sociais que passa a ser mediada pela mídia. Dessa forma, a autonomização do campo dos *media* segue imperativos lógicos e estratégicos que mobilizam a sociedade em torno de valores comuns. Os valores criados, promovidos e impostos pelo campo dos *media* mostram-se como adequados às pretensões mobilizadoras dos demais campos sociais. Além disso, a própria experiência do mundo



moderno se dá pela mídia por meio de dispositivos que possibilitam que a percepção não se limite ao mundo vivido das comunidades tradicionais.

Mesmo que a abordagem de Rodrigues diferencie-se da proposta deste estudo por considerar o campo dos *media* como mediador, podemos considerar que servem para o entendimento da midiática da sociedade. Ao tomar a centralidade da ordem social e se apresentar como mobilizador de sentidos comuns e como forma de experiência do mundo, a mídia se apresenta com características de uma nova ambiência existencial, com novas possibilidades de ser e fazer, que extrapola a visão instrumental. Assim, a simbólica do campo dos *media* é dessacralizada e desritualizada, não se restringindo a alguns momentos ou lugares específicos, em horizontes separados, mas sim processando a ordem midiática no cerne da vida cotidiana. Em decorrência dessa organização, o regime de funcionamento do campo dos *media* é uniformemente acelerado por inserir-se em toda a ordem social e dá margem para a ocorrência da afetação entre os diferentes campos sociais.

Entretanto, há algumas alterações no interior do ritmo acelerado do campo dos *media*. A primeira é a forma de organização desse ritmo, que acontece com características fortes de uma periodicidade regulada por uma cadência cronometrada. Outras alterações se relacionam com o aceleração do funcionamento do campo, em momentos que os seus valores são colocados em xeque e quando suas regras de funcionamento são violadas. Nessas horas, o campo midiático acelera-se para impor a inquestionabilidade dos seus valores.

Tomamos o pensamento de Rodrigues apenas como um suporte inicial para a abordagem que assumimos aqui, pois consideramos a experiência discursiva como sendo o domínio de experiência específica do campo dos *media*. A pragmática discursiva do campo dos *media* clareia a compreensão do discurso como construtor e como operador de inteligibilidades das realidades midiáticas.

Contudo, o desenvolvimento tecnológico da mídia, expansão das redes digitais e do processo de midiática da sociedade dão base para um novo olhar sobre os fenômenos de mídia que se organizam e passam a ser entendidos como uma nova ambiência. A intensificação de tecnologias focadas em processos de conexões e fluxo, impulsiona a transformação dos meios que passam de mediadores para um complexo ambiente com suas operações e diferentes processos de interações e práticas.



Entendemos, ainda, que a autonomia dos domínios de experiência, como campos possuidores de legitimidade, conta ainda com outro elemento modulador de sua constituição e de seus modos de funcionamento: a sua lógica própria. Pensamos a lógica de um campo social como a forma de raciocínio que organiza a sua atuação, sem relação com o conteúdo factual movimentado.

### **O processo de mediação**

A mediação dá origem a um novo ambiente social sustentado por práticas e lógicas próprias que não se limitam aos suportes tecnológicos e meios de comunicação, mas que se entranham por toda a ordem social. Dessa mesma forma, o processo de mediação está ligado a diferentes fatores que o tornam possível, que moldam as suas características e embasam as suas lógicas.

Braga (2006) aborda a mediação sob dois aspectos: o primeiro abarca processos sociais específicos que passam a se desencadear segundo lógicas das mídias, como acontece com o campo religioso, enquanto o outro aspecto representa o processo de mediação da própria sociedade. O autor considera a mediação como processo de interação que caminha para o lugar de referência na sociedade, porém não sendo ainda um processo estabelecido ou terminado, mas em implantação.

Dessa forma, um processo interacional de referência é constituído como uma perspectiva de organização da sociedade estabelecendo-se como um dos principais direcionadores na construção da realidade social. Nessa lógica, a construção social da realidade é moldada pelas processualidades interacionais utilizadas pelos indivíduos e setores da ordem social. A realidade é produzida pela sociedade através das interações sociais, do mesmo modo que essas interações também são moldadas pela sociedade a partir das expectativas geradas pelas construções sociais já existentes anteriormente. Com essa abordagem, Braga defende que, enquanto processo interacional de referência, a mediação está numa situação de transição que caminha para a condição preferencial, pois apresenta características que correspondem às demandas de processos sociais anteriores e, ao mesmo tempo, evidencia lógicas próprias.

Ao construir a realidade, essas maneiras de interação atravessadas pelas lógicas midiáticas vão acarretar a organização de um ambiente igualmente mediado, um novo *bios* ou uma nova ambiência existencial. A emergência do *bios* midiático pode ser



compreendida com tal força, que Gomes chega a afirmar que a midiatização torna-se “um princípio, um modelo e uma atividade de operação, de inteligibilidade social”. (2006, p.121)

Como ainda não se constitui em um processo interacional de referência, a ação condicionante da midiatização se dá não pela imposição, mas pela hibridização com as formas vigentes no histórico real. Assim sendo, com base nas afirmativas de Sodré (2002) entendemos a midiatização como processo de expansão das lógicas de mídia para os demais campos sociais pela tendência à hibridização das demandas de atuação institucional e individual com as tecnologias de comunicação. Nesse processo há uma disposição à virtualização das relações do sujeito com o real e a multiplicação de tecnointerações sociais, a partir de dinâmicas tecno-discursivas e habilidades sócio-técnicas.

A partir dos pressupostos acima descritos pensamos o processo de afetação entre os campos sociais alavancado pela midiatização. O conceito de afetação diz respeito à inserção da mídia na dinâmica e no funcionamento das instituições sociais no sentido de que a midiatização, por ser um fenômeno que “transcende aos meios e às mediações, estaria no interior das processualidades, e cujas as dinâmicas tecno-discursivas seriam deferidas a partir de suas lógicas, operações de saberes e estratégias na direção de outros campos sociais”. (FAUSTO NETO, 2006,p 10).

É nas cenas organizacionais/produativas e nas cenas discursivas que ocorre a possibilidade de afetação da midiatização nas características e funcionamentos de outras práticas sociais institucionais. Entretanto, esse processo de afetação não acontece de forma determinística, mas se dá com características de transversalidade e relacionalidade. A transversalidade se dá pelo fato da midiatização não ter influência restrita à mídia, mas também atingir as demais instituições e os seus usuários, num processo de afetação. Essa afetação se dá de forma relacional, pois os campos são atravessados pela midiatização, mas da mesma forma atravessam o campo da mídia. Dessa maneira, os efeitos gerados por esses atravessamentos também são relacionais e esses movimentos recíprocos de afetação dão margem a uma complexificação da ordem social.

Com esse processo de afetação, em que as lógicas midiáticas estão presentes no interior do funcionamento dos demais campos, entendemos que não há apenas a coexistência dos dois tipos de lógicas, mas o surgimento de uma nova lógica, resultado



dessa afetação, que não se apresenta como uma solicitação externa, mas como o resultado da negociação entre as demandas legitimatórias das lógicas envolvidas.

Num movimento de abertura e abarcamento, a mídia passa a ser um núcleo que expõe suas formas de funcionamento e expande as suas lógicas para os demais campos. Os mecanismos e regras próprios do fazer midiático não ficam mais restritos aos meios de comunicação, mas modulam as práticas de outros atores sociais. Dessa forma, a midiaticização pode ser considerada como prática social, pois reconfigura a atuação dos demais campos sociais.

Contudo, entendemos que a midiaticização da sociedade não se dá de maneira homogênea. Apesar de ser possível considerar que as lógicas da mídia se expandem de forma a abarcar as outras esferas sociais, tal processo acontece em diferentes níveis. Nesse contexto relacional entre o midiático e os outros campos, há pontos de maior penetração e outros de maior resistência. Tendo em vista que cada campo social conta com sua própria dinâmica de funcionamento, há sempre um caráter de negociação e de possíveis tensões entre lógicas diversas num processo de midiaticização.

Ao mesmo tempo em que as lógicas se afetam de maneira mais intensa, em localizações mais fronteiriças na qual se pode observar uma maior porosidade entre os campos, há também os núcleos mais rígidos nos quais se encontram as lógicas fundadoras de cada campo e que não são afetadas com tanta facilidade.

Dessa forma, pode-se organizar o ambiente da midiaticização da sociedade em diferentes níveis. Dentro da ambiência midiaticizada, considerada como a totalidade social atravessada pela mídia, pode-se observar a existência de zonas de afetação localizadas na fronteira entre o campo da mídia e os demais campos e que são locais em que a relação entre os campos acontece de forma mais direta, o que oportuniza um imbricamento mais intenso entre as lógicas. Tal imbricamento resulta em modificações das práticas do campo social em questão, que passam a ganhar contornos midiaticizados.

A abordagem do fenômeno da midiaticização como uma nova ambiência ressalta a porosidade das instâncias sociais que nesse novo *bios* passam a ter suas ações cotidianas atravessadas pela mídia. Pode-se vislumbrar assim que a condição sóciotécnica da midiaticização se estabelece como uma nova configuração de práticas e ambientes sociais possível pelo desenvolvimento dos meios tecnológicos de informação e comunicação.

Contudo, Sodré (2002) ainda ressalta que o midiático, “enquanto categoria particular da forma espetáculo”, não é necessariamente atrelado aos suportes



tecnológicos, podendo extrapolar para outras esferas da realidade. Essa extrapolação do midiático se faz pelo fato do próprio princípio de comunicar passar a ser modulado por características midiáticas o que garante a essa nova forma de ser tornar-se realmente uma prática corrente no cotidiano social contemporâneo. No *bios* midiático, a tecnocultura emerge como uma nova forma de relacionamento do indivíduo com o real, com modificações nas percepções e com o surgimento de novas modalidades de sociabilidade.

A visão da midiatização como uma nova ambiência vai além das concepções funcionais e instrumentais que enxergam a mídia apenas como uma ferramenta operacional. O consistente desenvolvimento tecnológico, a passagem da linearidade da comunicação para a descontinuidade e para a fragmentação, a porosidade das fronteiras e a afetação da mídia nos demais campos sociais configuram a ordem social de forma a midiatizar a própria sociedade.

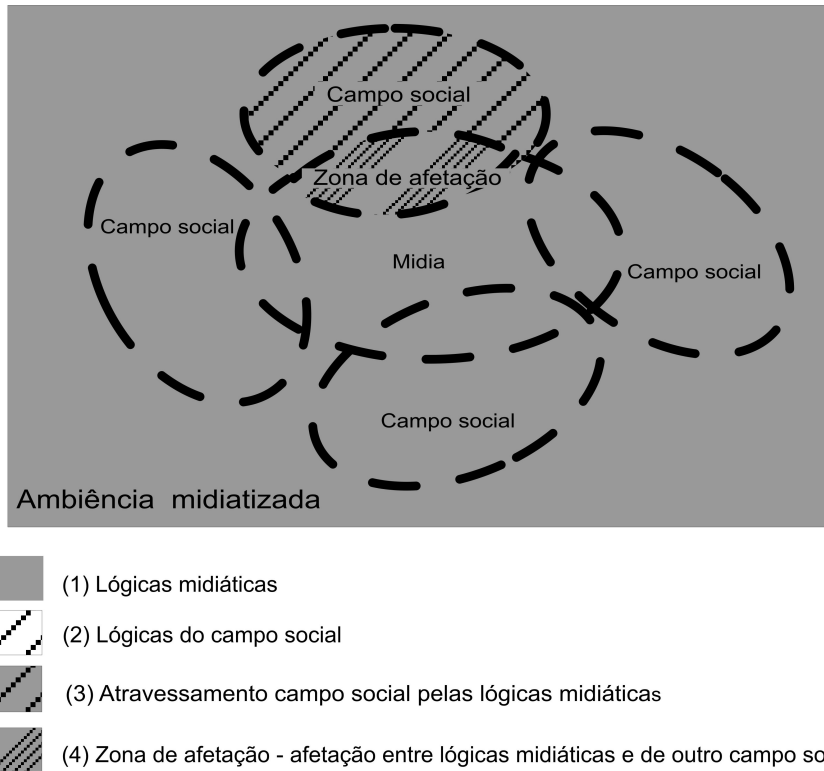
Realidade e sociedade são configuradas por meio de novos mecanismos de produção de sentido, tendo nas estruturas de conexões uma nova forma de vínculo social. Fenômenos que indicam “a transformação da sociedade do ato social nas operações de contato. Estamos diante de uma nova forma de organização e produção social, onde o capital já não estaria mais apenas a serviço das estruturas, mas dos fluxos e das informações”. (FAUSTO NETO, 2006, p. 04).

A nova ambiência midiatizada marca uma nova organização social. Dentro desse novo ambiente existencial, se apresentam novas maneiras de atuação, caracterizadas pelo imbricamento da prática social e da tecnologia ao ponto de emergir uma sócio-técnica.

### **Afetação de lógicas e novas formas de atuação**

A midiatização da sociedade é entendida aqui pelas processualidades que partem da idéia de afetação entre os campos sociais e entre as lógicas desses. Tendo como base a noção de zonas de afetação, explanada por Fausto Neto (2006) e o esquema proposto por Véron (1997) para a análise da midiatização, apresentamos abaixo o nosso esquema sobre a midiatização da sociedade.





**Figura 1 – Processualidades da midiatização da sociedade**

O esquema representa o nosso entendimento sobre as processualidades da midiatização. Como ponto de partida, temos a configuração social proposta por Rodrigues (1990) em que o campo dos *media* se autonomiza e passa a ocupar a centralidade da sociedade. Com a porosidade das fronteiras entre os campos e com a expansão das lógicas midiáticas, a totalidade da ordem social é atravessada pela mídia resultando no surgimento de uma nova ambiência, a ambiência midiaticizada, fato representado na legenda 1.

Entretanto, entendemos que esse atravessamento dos campos sociais pela mídia ocorre de duas formas, ou em dois níveis. E é essa heterogeneidade do processo de midiatização que pretendemos elucidar com o presente esquema. Nas fronteiras entre os campos sociais e a mídia, onde as porosidades são maiores, há um imbricamento que entendemos como zonas de afetação. Nessas zonas, as lógicas da mídia e do campo social em questão se afetam de maneira a dar origem a um novo tipo de lógica. Como num processo de hibridização, a nova lógica apresenta características daquelas que lhe deram origem, mas se constitui como algo diferente, conforme visualizado na legenda 4.



Fora da zona de afetação, entendemos que cada campo social mantém seu núcleo rígido, no qual as suas lógicas se fecham e se preservam do processo de afetação. Tal organização em núcleos rígidos não significa fechamento do campo social. Como partimos do pressuposto que os campos possuem fronteiras porosas, há o atravessamento das lógicas. Contudo, diferente da zona de afetação, essas lógicas apenas coexistem paralelamente, sem que ocorra o processo de afetação. Essa coexistência das lógicas está representada pela legenda 3. Como exemplo disso, podemos considerar a apropriação que alguns campos sociais fazem das lógicas de mídia como instrumentos úteis para a sua atuação. Essa postura instrumental, que encara a mídia apenas como uma ferramenta, sem se preocupar com as suas lógicas e valores, oportuniza que as lógicas coexistam sem se modificarem.

Dessa maneira, tentamos entender as processualidades da mediação da sociedade. Essa nova organização social, de fronteiras porosas entre os campos que dá margem para o contato entre as diferentes lógicas sociais, fica marcada pelo caráter relacional e de negociação que emerge das zonas de afetação e dos núcleos rígidos. Da mesma forma, as práticas e maneiras de atuação do *bios* mediado se formam por imbricamentos e afetações.

Na ambiência mediada, as novas formas de ser e pensar são o resultado da interação de variados elementos que se afetam e se imbricam, como a tecnologia, a comunicação e a cultura. Ao atentarmos para o papel desses imbricamentos no processo de mediação, entendemos a tecnologia como fator modificador dos processos e ambientes sociais por potencializar novas formas de atuação e de práticas que se apresentam na ordem social dando margem para o surgimento de uma sócio-técnica. Para pensar a afetação da tecnologia nos processos sociais, entendemos a idéia de sócio-técnica a partir das relações entre tecnologia, comunicação e cultura.

Ao longo do tempo, inúmeras são as modificações por que passam a comunicação, a cultura e também a própria sociedade. Dentro desse panorama, o homem pela sua faculdade simbólica, vai buscando novas possibilidades de atuação, procurando novas formas de responder às suas necessidades e para isso vai criando tecnologias que o possibilitem fazer coisas que antes não eram possíveis. O desenvolvimento tecnológico é alavancado como possibilidade de respostas mais amplas às necessidades de busca pela alteridade e de devir do homem.



A tecnologia se insere como um propulsor de novas formas de relacionamento do homem com o mundo que ele percebe. Isso se traduz no desenvolvimento das mais variadas ferramentas tecnológicas e também resulta em novos processos de comunicação social, que conseqüentemente se configuram como novos estruturantes da vida em sociedade. Com essa evolução da técnica, a cada nova mudança no modelo comunicacional ocorre também uma mudança nos modelos culturais, na organização da sociedade e na própria vida do homem.

Segundo Peruzzolo (2006, p.260), “tecnologia não é só invenção de um instrumental físico-operacional, é também o movimento de uma mudança no fazer humano e no seu pensamento.” A tecnologia não altera apenas as formas do homem fazer as suas coisas, mas modifica a cultura e conseqüentemente tem influência nas formas de pensar e perceber o real.

Esse trajeto do desenvolvimento da tecnologia é muito mais que uma sucessão de inventos e determinismos técnicos, pois resulta do desenvolvimento das capacidades do homem que a cada avanço escancara diante de si um mundo de possibilidades. Mais que um produto, uma tecnologia provem do conhecimento e logo passa a fazer parte da cultura, impregnando o imaginário social.

A idéia de uma sócio-técnica vem da mútua afetação entre as possibilidades tecnológicas e o fazer humano. A cada nova tecnologia que se instaura na sociedade estão embutidas as novas possibilidades de sentido e de controle do natural e do social. O uso de uma tecnologia é reflexo do momento histórico, cultural e social no qual ela surgiu e foi adotada da mesma forma que, ao ser adotada, essa mesma tecnologia modifica a cultura e a organização social. As novas formas de atuação que vão se apresentando dentro da ambiência midiaticizada dizem respeito diretamente à sócio-técnica. Dificilmente essas novas formas de ser e perceber o real viriam à tona e se transformariam em prática social sem terem se processado junto com o desenvolvimento tecnológico.

Na contemporaneidade, o elevado nível de crescimento da tecnologia impulsiona, juntamente com outros fenômenos sociais e culturais, uma aceleração das formas de vida. É notável também um tratamento mais superficial e veloz dado às questões-chave da sociedade e às relações sociais, como se tudo acontecesse numa atmosfera de agitação e fluidez materializada nos constantes e instantâneos fluxos informacionais a que o homem é submetido cotidianamente.



Todo esse novo contexto tecnológico traz consigo uma nova visão de mundo e que remete à produção discursiva da sociedade. Dessa maneira, cada tecnologia é elemento estruturador dos significados aceitos na ordem social como característico de sua própria cultura. A tecnologia também passa a integrar o imaginário e juntamente com as novas proposições sociais de códigos de comunicação e conduta cria novas linguagens.

Nesse sentido, a cultura aparece como fator imprescindível para o entendimento do processo de mudança trazido pelas inovações tecnológicas. Toda a resposta a um anseio do ser humano que se torna consagrada na sociedade é depositária de valor simbólico e passa a integrar o quadro cultural previamente existente não como um simples objeto, mas como um sistema de relação e de sentido. Então, as relações ao passarem pelo ordenamento e ajustamento são estabilizadas e constituem o modelo cultural. Pelo processo de ajustamento as relações passam a ordenar as condutas posteriores, constituindo-se em fator ativo na organização cultural e social dos agrupamentos humanos.

A comunicação e a técnica também se imbricam no modelo cultural de forma a afetar os modos de pensar e da sociedade se organizar. Os meios de comunicação, quando tomados como novas possibilidades de atuação do indivíduo e das instituições, com suas lógicas de funcionamento, suas possibilidades de uso e significados, podem apresentar-se como moduladores das formas de vida e de visão de mundo. Podemos falar assim do caráter inseparável da tecnologia e da linguagem que são tanto formas de expressão como dinâmicas de transformação e ação humana sobre o mundo. Tal pensamento, quando aplicado aos meios de comunicação e às maneiras e tecnologias de comunicação assumidas e institucionalizadas em cada época não só impõem gramáticas de construção de mensagens como também configuram a sua codificação e as percepções de mundo. Segundo Fausto Neto, “a sociedade que tem sua estrutura e dinâmica calcada na compreensão espacial e temporal, que não só institui, como faz funcionar um novo tipo de real, e cuja base das interações sociais não mais se tecem e se estabelecem, através de laços sociais, mas de ligações sócio-técnicas (2006. p 03).

Sendo assim, o ser humano, constituído pela cultura, constrói seu próprio mundo a partir do estabelecimento de costumes, padrões de conduta e da produção, acumulação e partilha social de experiências. Essa ambiência é feita de objetos partilhados e sentidos produzidos pela sua capacidade simbólica, que nesse contexto,



faz da tecnologia um processo social, uma sócio-técnica. Nesse sentido, as modificações percebidas na sociedade não se dão por causações impositivas, mas por aditividades de novas formas de atuação que se adicionam aos fatores já estabelecidos no sistema social e se afetam.

### **Considerações pontuais**

O alastramento das lógicas de mídia pelos diversos campos da sociedade ressalta a dinâmica que movimentam a ordem social e que proporciona a mediação da sociedade. Com essa dinâmica, é possível a mobilidade e o contato entre as diferentes lógicas, regras e valores dos campos sociais que se movimentam, se tocam, se afetam e dão margem para o surgimento da ambiência mediada.

Com esse texto, procuramos ressaltar que as processualidades gerativas do ambiente mediado possuem como característica marcante o contato entre diferentes elementos. Tanto as transformações ocorridas nas práticas sociais e nas formas de perceber e contabilizar o real como as alterações na organização da sociedade acontecem de forma relacional e não impositiva. É pelo contato entre diferentes elementos e lógicas sociais que as afetações acontecem.

Dessa forma, a mediação da sociedade não acontece por processos de afetação impositiva. O esquema de processualidades da mediação aqui proposto compreende a organização da ambiência mediada por meio da existência de zonas de afetação e de núcleos rígidos na intenção de pensar as transformações da ordem social e as formas de atuação dos sujeitos não como causações, mas como aditividades oriundas de coexistências e afetações de lógicas dos diferentes campos sociais. Assim, também se evidencia o caráter relacional e de negociação presente nos processos de contato e afetação que tecem a mediação da sociedade.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta a mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. Apontamentos em torno da visibilidade e da lógica de legitimação das instituições na sociedade mediada. In: Duarte, Maria Elizabeth Bastos e CASTRO, Maria Lilia Dias de. **Em Torno das mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2008.



CASTELS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis (org). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record. 2004

FAUSTO NETO, Antônio. Mídia, prática social – prática de sentido. Rede Prosul – CNPQ/Unisinos, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e Ética da comunicação na midiatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

MARTINO, Luiz C. **A Revolução Mediática: a comunicação na Era da simulação tecnológica**. Razón y Palabra, 2006. Disponível em:  
<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n49/bienal>. Acesso em: 10 jun 2009.

MARTINO, Luiz C. Abordagens e representação do Campo Comunicacional. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.3, n.8, p.33-54, 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Por uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VÉRON, Eliseo. Esquemas para analisis de la mediatización. Revista **Diálogos de la comunicación**, n. 48, Lima, FELAFACS, 1997.